

A poesia como exercício kenótico em “Os dias de Job” de José Tolentino Mendonça

Poetry as a Kenotic Exercise in “The Days of Job” by José Tolentino Mendonça

Alex Villas Boas

Investigador Principal do CITER – Universidade Católica Portuguesa

Investigador colaborador no CLIC – Universidade de Aveiro

alexboas@ucp.pt

ORCID: 0000-0003-2779-1108

Palavras-chave: Poesia Kenótica; Livro de Job; Resiliência Poética; José Tolentino Mendonça; Vulnerabilidade Humana; Teologia e Literatura.

Keywords: Kenotic Poetry; Book of Job; Poetic Resilience; José Tolentino Mendonça; Human Vulnerability; Theology and Literature.

No século XIX, Robert Lowth (1710 – 1787) redescobre a importância teológica do estudo literário em oposição ao que chamou de “teólogos metafísicos” em sua obra *De sacra poesi Hebraeorum*, resultado de suas preleções em Oxford. Particularmente, Lowth identifica um deficit de compreensão da hermenêutica teológica que desconhece a importância da poesia para a composição do sentido teológico, nomeadamente a de que “a natureza íntima do poema” se realiza na alma humana, de modo a organizar as experiências vividas, unir aparentes discontinuidades, despertar para outras vivências, e por vezes tem a virtude de colocar a existência em questão. Em uma extensa análise comparada da literatura bíblica com os clássicos greco-latinos, Lowth identifica uma mesma característica comum, a saber, a finalidade de “ensinar deleitando” e assim produzir uma *articulação interior* por meio da linguagem, de modo a possibilitar a apreensão de um itinerário de sentido que ao mudar o modo como se pensa, muda-se o modo como se vive (1995, p. 549).

Também São Basílio de Cesaréia recomendava aos jovens cristãos que lessem os clássicos greco-latinos para ajudar a pensarem por si mesmos, em direta correlação com o Evangelho. Contudo, o pensar por si mesmo não era um exercício isolado de individualização da existência, mas sim de personalização por meio da apropriação do patrimônio comum da *Humanitas* constitutiva dos partícipes da aventura humana, elemento fundamental para que a cidade tivesse uma face humana, um *ethos* adequado.

Nesse sentido, enquanto literatura bíblica em geral, e o livro de Job em particular constituem parte desse itinerário, ou ainda, um dos caminhos que podem conduzir à uma maior densidade do tecido em que emerge a *concórdia* sobre aquilo que é fundamental para a vida, por estabelecer a profunda conexão entre poética e política, o influxo da inspiração para o sentir, pensar e agir que incide sobre a superação da discórdia, que permite a emergência da *pólis*. Não se trata propriamente dito de um ideal romântico de uma cidade reconciliada, razão pela qual se instalou uma série de autocracias messiânicas para eliminar as formas de discórdia desagregadoras da unidade, mas, mais propriamente dito, diz respeito à emergência, ainda que temporária, da concórdia em uma diversidade reconciliada em torno do bem comum e da comum dignidade. Aqui poesia e política são convergentes na tarefa de construção do espaço comum em que as diferenças se respeitam, como são diametralmente opostas à expressão máxima do caos político em sua dissolução que é a guerra. A concórdia, sempre efêmera, e por isso mesmo sempre renovável no constante chamado ao diálogo, constitui, mesmo que temporariamente, uma força de unidade entre as diferenças para um espaço vital da condição humana, a tensão. E aqui a imagem de Job pode ser vista como capacitada teologicamente para não sucumbir à tal tensão.

Um importante comentador do livro de Job que apreende sua pertinência política é Gregório Magno (540 – 604). Tendo sido eleito *prefeito* da cidade de Roma, então ex-capital imperial, fora ali que se tornara conhecido do povo antes de decidir pela vida monástica e, segundo os costumes de época, tendo sido aclamado pelo clero e pelo povo para assumir a missão de Bispo de Roma em meio ao Cristianismo imperial em crise no século VI. Gregório que havia se encontrado sua tranquilidade no estilo de vida monástica é, por razões aparentemente divinas, chamado a vida política novamente, porém como Pontífice romano dado o vácuo de poder na capital eterna devido à queda de Roma, o deslocamento da capital imperial para Constantinopla com consequente mudança de prioridades políticas como conter o avanço dos persas, ao invés de proteger os romanos dos ataques lombardos, a dissolução do Senado com as Guerras Góticas, e consequente debandada das famílias aristocráticas romanas. Apesar de Gregório interpretar como Agostinho, a personagem Jó como resignado à vontade divina, sua exegese intitulada *Moralia in Job* situa o personagem bíblico no contexto da dissolução da *Romanitas*, da unidade do mundo romano, na emergência de diversos conflitos de poder, internamente entre latinos e gregos, e externamente entre romanos e bárbaros, sendo Job a própria imagem política de Roma, de sua exuberância imperial à sua decadência e abandono. O próprio Gregório se refere ao seu contexto como o momento em que “o fim do mundo está próximo [*crebrescentibus termino*]” (*Moralia in Job* I, 27-28). Gregório então se dedica a explicar a obra aos seus irmãos monges por meio do habitual método de época em que se acrescenta a exegese literal um exercício de contemplação que encontra na *alegoria* um sentido mais profundo para seus contemporâneos, contudo acrescenta ainda a necessidade de encontrar um sentido *moral*, e ainda exemplificado em testemunhos de cristãos que tomaram Job como modelo de vida (I, 93). Dada a crise moral em que o contexto se situava, estava em risco o próprio valor da sabedoria das letras bíblicas.

Deste modo, a despeito da transformação do Job em subserviente à Deus, o investimento alegórico de Gregório Magno em encontrar formas morais de resistência à desintegração política de Roma. Fredric Jameson observa que o método de exegese patrística produz não somente o efeito de percepção de comunhão com o Deus na *via anagógica*, fonte da resiliência ao leitor da literatura bíblica, mas teria ainda um efeito político anagógico entre aqueles que fazem a mesma experiência que se consolida na constituição de um corpo político desde a reinvenção do modo de existir com um novo sentido de coletividade (2021, p.18-25).

Tal potencial político da personagem bíblica inspira o filósofo político italiano Antonio Negri a escrever em 2003 *The Labor of Job*, concebendo o texto bíblico como uma parábola do labor humano no capitalismo tardio. O filósofo evidentemente não está preocupado com a questão religiosa em si, mas em pensar desde a sabedoria narrativa do livro de Job o potencial de libertação e subversão que o sofrimento possui, e assim aposta na persistência criativa dos trabalhadores para construção de novas possibilidades de justiça (2003, p. 48)

Negri aposta assim, no papel da criatividade social como força de redenção que encontra suas condições de possibilidade e força coletiva na medida em que as pessoas passam a entender a dor uns dos outros. Esse entendimento não é somente um ato intelectual, mas tem sua origem em um “sofrer junto” [*patire assieme*], como condição de possibilidade para a criatividade. A *criação* para o pensador italiano “é o conteúdo da visão de Deus” que Jó enxerga. Uma nova visão desde a dor da história é já a redenção utópica que ainda não se realiza, mas exige a tensão da luta e da busca para se acolher a inspiração (2003, p. 98). A inovação viria então da tensão ética da resistência social e da resiliência psíquica. É nessa mesma direção que Viktor Frankl fala de experiências de sentido em meio a um campo de concentração, pois é próprio da condição humana sua vontade de sentido, e na medida em que descobre um horizonte de busca, tal qual o alicerce psicanalítico da libido que se move em direção ao desejo, assim a existência se mobiliza em direção ao que lhe dá sentido. Frankl chamava de otimismo trágico a aposta de que apesar de todo absurdo, a vida era capaz de sentido, e na medida em que se consome a existência rumo ao horizonte que confere sentido à existência, encontra-se o efeito de realização, apesar do absurdo (2005, p. 17). A tarefa poética, contudo, arrisca-se dizer, na concepção de Negri e Jameson teriam a finalidade anagógica de unir as experiências pessoais de resiliência em uma nova força coletiva de resistência no exercício de entender os desafios do próprio tempo, e nele criar as condições de possibilidade para a criatividade redentora, menos identitária e mais solidária.

A espiritualidade como genealogia ética em Michel Foucault

Também é nesse sentido que Michel Foucault aposta na espiritualidade como práticas de si eticamente refletidas que reinventam a subjetividade dada pelo tempo em que se vive no seu contexto discursivo. O filósofo francês assim, revisita a ideia de exercícios espirituais como espiritualidade política primeiramente, iniciada pela necessidade de um “diagnóstico do declínio do desejo revo-

lucionário no Ocidente”, e se interessa pelas “origens religiosas das revoluções modernas” (Candiotto, 2020, p. 111-112; 16).

A espiritualidade, para Foucault, não se restringe à prática religiosa ou adesão ritual e/ou doutrinária, mas é anterior a isso e diz respeito a uma atitude diante de si, respondendo a um imperativo de autotransformação. Não se nega que a religião possa ser uma “uma espécie de estrutura de acolhimento para formas de espiritualidade, mas não necessariamente coincide com a espiritualidade, pois a religião também pode ser parte da estrutura de manutenção da realidade inaceitável e passar a operar ideologicamente. A espiritualidade política pensada por Foucault é uma genealogia da ética, em que se pode emergir uma vontade coletiva compartilhada (Foucault, 2018, p. 20; 23).

Desde a análise dos exercícios espirituais concebidos nos período greco-romano, e em especial os dois primeiros séculos da era cristã, o filósofo francês identifica uma concepção mais ampla de espiritualidade que está implicada nas práticas de *cuidado de si*, que contemplam práticas de leitura de poemas, de escrita de si, de meditação, mas também de cuidados da saúde, sendo os exercícios espirituais práticas de cuidado do todo, em sua interioridade e exterioridade. Contudo, pensa o filósofo francês, que devido ao que chamou de “momento socrático-platônico” a espiritualidade fora reduzida a uma estrutura ontológico-cognoscente expressa na máxima do “conhecimento de si” (*gnôthi seautón*), tendo como consequência mais drástica a dissociação entre espiritualidade e filosofia. Desde então a tarefa filosófica é reduzida a uma busca de acesso à verdade, sem a necessidade de um trabalho interior de natureza ética (Foucault, 2006, p. 19). Deste modo incorre-se em um grave risco de acreditar em nas próprias convicções, de modo a desaprender a discernir a profundidade da sabedoria que elas contêm quando chamadas a fazer sentido em novos cenários, originariamente concebidas como um exercício espiritual de colocar a vida em questão. No momento em que as sabedorias se tornam certezas, incorre-se no risco de não se conectar com as pessoas do tempo presente, com seus novos dilemas e dores. É aqui que a poética em sua unidade com a política como exercício espiritual é um exercício de reavivamento e reinvenção do patrimônio da sabedoria humana para se descobrir novas formas de habitar.

A poesia como exercício espiritual em José Tolentino Mendonça

Para José Tolentino Medonça “o poema é o acto espiritual por excelência” (Mendonça, 2014, p. 214). Na epígrafe de sua *Poesia reunida*, Tolentino Mendonça pode se encontrar uma citação de Michel de Certeau em pode ser vista como um programa literário para a teologia: “*Em sua miséria, a teologia olha para a porta*”. Ao evocar o jesuíta francês também parece inscrever sua poética na perspectiva de concebê-la como um exercício espiritual, dimensão essa que possibilita reativar um diálogo inacabado entre Michel Foucault e Michel de Certeau (Petit, 2022), como tarefa de discernir o tempo presente.

Tal qual os exercícios espirituais de Foucault, em Certeau a ênfase é dada ao processo que opera no íntimo, sendo os Exercícios um “modo que caracteriza um proceder”, mas supõe um “desejante”, em que aquilo que está no texto funciona

como cifra para a música, pois se coordena fora do texto dando voz aos desejos que o habitam, e provocando no mesmo a abertura a um itinerário que lhe permita desvelar a si mesmo seus desejos mais profundos. O *Fundamento* dos exercícios em Certeau “não é a exposição de uma verdade universal”, mas “o esquema de um movimento” entre o desvelar dos espaços da arquitetura do desejo e o silêncio. O reconhecimento dos desejos é “o ponto de partida *de uma trajetória*” (Certeau, 2007, p. 261-262). Para Certeau, a tarefa poética pode ser vista como um exercício heterológico correlato à tarefa de uma “teologia da diferença”, precisamente a de conceber formas culturais heterológicas, análoga a um Deus que sendo de natureza radicalmente diferente ao ser humano não vê na diferença um impeditivo para a comunhão. “Não sem Ti” é o modo como Deus age heterologicamente na perspectiva do jesuíta francês, pois é sempre “maior” [*magis*] que os limites das fronteiras (1991, p. 179-188), uma dinâmica heterológica que realiza-se na literatura – em primeiro lugar – como vocação para derrubar muralhas da resistência identitária em relação ao outro (Certeau, 1986, p. 171; 193).

Assim, os exercícios espirituais são exercícios kenóticos de reinvenção cotidiana do espaço para um esvaziamento de identidades rígidas que possibilite a habitação comum entre os diferentes, um movimento de saída da autorreferencialidade dado o poder que a literatura tem de tecer alianças. É no reconhecimento das diferenças que se pode “entrevier” a transparência da comum dignidade (Mendonça, 2020, p. 34). Tal transparência entrevista implica a tarefa de aprender a “nudez da vida” como âmbito do comum (Mendonça, 2021, p. 38).

Inscribe-se, portanto, também em um diálogo crítico com o filósofo contemporâneo Giorgio Agamben (Mendonça, 2011), diálogo que pode ser situado entre a arqueologia do tempo presente deste e a mística do tempo presente de poeta, ambos convergindo para a recuperação do papel da literatura em geral, e da poesia em especial, como forma de revisitar as formas históricas e culturais do Cristianismo. Há uma convergência no trabalho de ambos, na medida em que para Agamben, uma das causas da crise do pensamento contemporâneo é exatamente o divórcio entre poética e política. Na medida em que a modernidade perde a noção do «estatuto poético» da humanidade sobre a terra, a produção poética é reduzida à produtividade da práxis. A *poíesis*, então, é ofuscada em uma filosofia da *práxis*, dinamizada pela vontade de justiça e de liberdade, para uma nova obra de arte, a saber construção de uma nova história, entendida como sociedade. Na perspectiva do filósofo italiano, tanto em Nietzsche quanto em Marx não cabem um ateísmo, mas a dispensa de uma teologia racional inibidora da vontade e de mudanças (Agamben, 2012). A *poíesis* transformada em *práxis* doa um sentido de mística aos processos de transformação social, entretanto, perde a dinâmica de distanciamento da realidade para reelaboração criativa que retorna à realidade inspirando a práxis. Ao se fundir com a práxis, a *poíesis* deixa de ser dinamizadora da pólis, e se converte em ideologia da práxis, em razão criativa, porém apologética.

A redução da importância da *poíesis* na cultura contemporânea e especialmente sua transformação em razão criativa apologética de um ideal produz a presença de um fetiche, o substituto de um objeto ausente, inacessível e ideal. Agamben, ainda evoca a acídia patrística, como efeito da ausência da *poíesis* para a com-

preensão de um *éros* perverso no narcisismo que é incapaz de disposição para o labor criativo, uma vontade de sentido, porém indisposto a trilhar a via que a ele conduz, uma indisposição poética que revela a indisposição política contemporânea, pois se manifesta como indisposição ética, por gerar uma dinâmica autorreferencial a um sistema e modo de pensar incapaz de autocrítica (2007, p. 264).

Nesse sentido a evocação da vida nua pode ser pensada desde a correlação entre *poiesis* e *práxis*, ou de como a poesia pode incidir como um espaço que abre brechas na radical imanência dos muros da política. Em Agamben, a nudez é pensada desde sua dimensão teológica (Agamben, 2014) e seus desdobramentos políticos (Agamben, 2010).

Do ponto de vista político, a nudez é vista como ação de desnudamento sob o signo narrativo de um acontecimento que se passa na condição temporal da vida humana, e, portanto, se situa na captação do núcleo narratológica de distintas formas históricas de teologia política, e não no registo metafísico-ontológico. Com isso, ao se identificar aquele que é objeto da ação de desnudamento da dignidade humana, também se pergunta pelo sujeito que operacionaliza tal ato na história. Nomeadamente, o filósofo italiano evoca a figura do *homo sacer* no direito romano arcaico, de alguém que fora considerado como inapto ao sacrifício aos deuses, porém “matável”, alguém cuja insignificância possibilita que seja morto, sem ser considerado homicídio (Agamben, 2010, p. 83). Deste tal figura se pensa então a vida nua do *homo sacer*, enquanto figura despedida de dignidade de direitos, assim como o poder soberano da magistratura do *imperium* como direito que possibilita o ato desnudamento da vida de alguém. Tal poder que evolui do direito absoluto do *pater familiae* sobre seus filhos também reside sobre uma dimensão teológico-política (*sacratio*) que legitima o despir a dignidade de alguém pela supressão da *civitas*, ou seja, da suspensão de sua forma legal.

Do ponto de vista teológico, a “nudez” é produzida desde a questão do pecado original, como perda da veste gloriosa na narrativa do casal edênico, sendo o ser humano concebido em desde a ação que provoca o seu des-vestimento da graça, situação em que se dá a “abertura dos olhos” e a “percepção da nudez” como condição humana (Agamben, 2014, p. 93). A nudez inaugura uma perspectiva epistemológica com a abertura dos olhos que torna o ser humano “conhecedor do bem e do mal” (Gen 3,5), porém não como ser divino (Gen 3,6), frustrando o “desejo de ser como Deus” para aprendizagem que emerge desde um *acontecimento* que provoca “queda” da “mente” e consequente percepção da condição de ser nu, um ser vulnerável ao mal do mundo, e fadado à corrupção do corpo. Dito de outro modo, a nudez corresponde a condição de “desgraçado” (Agamben, 2014, p. 101; 114).

Contudo, a necessidade de *voltar a velar* a condição de nudez indica um “resíduo indelével” de algo que permanece em sua inaparência, em que esse segundo véu, mesmo em sua precariedade (Gen 3,7), indica algo remanescente da natureza “desvelável” da beleza, outrora resplandecente, sendo o “belo”, aquilo “ao qual o véu é essencial” (Agamben, 2014, p. 122), e ao mesmo tempo inaugura a necessidade de um exercício infinito de desvelamento.

Em Agamben, o “pôr à nu” do *magíster* e *pater* tem a mesma forma narrativa em que se dá o ato de despir o casal edênico, atribuído à Deus, pelo filósofo italiano. Contudo, a narrativa não aponta para o ato direto de ação de desnuda-

mento do casal por Deus, e sim, indica uma perda do estado de graça, e a consequente ação divina de voltar a velar algo que só pode aparecer sob o movimento de desvelamento, ainda que o véu seja da mesma natureza precária que reside na condição de mundo criado.

Nesse sentido, a nudez para Tolentino parece se alinhar mais ao próprio trabalho de desvelamento daquele resíduo indelével da beleza desvelável da condição humana, por um lado sob o ângulo da mística, na medida em que se inscreve na perspectiva do autor bíblico em que a personagem divina não elimina a beleza da dignidade humana, mas a protege na medida em que a envolve na dinâmica do desvelamento, sendo tal ato de desvelar da condição humana, também uma experiência de desvelamento da intencionalidade teológica do voltar a velar a beleza remanescente, vendo na figura do Deus bíblico, alguém que se apresenta como cuidador da fragilidade humana.

Por outro lado, tal dinâmica que involucra a perspectiva mística se dá exatamente por meio de estratégias literárias da narrativa bíblica. É aqui que a nudez para Tolentino pode ser vista precisamente “onde a mística e a literatura se encontram”, e cujo fundamento é o “esvaziamento de Cristo”. A “mística da nudez” é um exercício espiritual kenótico, e a poesia não é adorno, tampouco trabalho de idealização, mas: “ela cria um método que nos adentra sempre na experiência do inominável, no silêncio da vida nua” (Mendonça, 2020, p. 30-31), naquela beleza remanescente que pode ser fonte de resistência às múltiplas formas de investidas políticas de desvelamento da dignidade humana. Tolentino aproxima, assim, a nudez da vida à prática poética para pensar um exercício kenótico da nudez, na dinâmica poética da literatura evangélica, em que o mal não é a palavra final, pois não é capaz de eliminar a possibilidade de sentido da vida, apesar de seus absurdos. Há uma aposta poética e evangélica na beleza indelével da vida, apesar de toda forma horrenda de desnudamento da dignidade humana, beleza essa que se busca desde a percepção da sua falta, da emergência da falta de sentido, que ao mesmo tempo instiga a busca por aquilo que se esvai. Há na obra literária de Tolentino uma tarefa estética e poética tributária da visão evangélica de despertar a fé na ressurreição de uma beleza encarnada na vida ferida e despojada de sua dignidade, mas não extinguida e que é ao mesmo tempo, fonte e gesto ressurrecional da emergência de um olhar sobre a vida como capaz de sentido, apesar de seus absurdos. Tal paradoxo exige a sede de buscar onde a beleza da vida espera por ser desvelada pela transformação performativa do olhar que se encontra no próprio gesto de desvelamento, sendo a literatura uma forma de *dar forma* a tal beleza inesgotável, porque indelével, mesmo quando deformada. O resgate poético da beleza residual na vida nua, é também fonte de resistência política para as lutas pela dignidade humana.

Elogio da Sede: os Exercícios Espirituais por José Tolentino Mendonça

Em 2018, o Papa Francisco convida José Tolentino Mendonça para dar os Exercícios Espirituais à Cúria Romana e tal retiro foi publicado em forma de livro com o título *Elogio da Sede*. Nesta obra Tolentino une mais um aspecto dessa jornada espiritual, nomeadamente a *sede* como metáfora para abordar o

elemento central do exercitante, o desejo, pensado em sua densidade paradoxal de presença na ausência, e, portanto, de relação entre “distância” e “atração”, de ser habitado por uma vontade de vencer a lonjura do que se espera, a um só tempo “ausência” e “mobilizadora expectativa” (Mendonça, 2018, p. 34). Em sua paradoxal densidade esse anseio pela felicidade é também a causa da dor, da falta que constitui o motivo da busca, e não raro o cansaço dos passos resulta em um esvaecimento ou mesmo dispersão. O desejo se relaciona diretamente com a “vulnerabilidade extrema” presente na nudez, e a sede exige a disposição para se alcançar tal nudez, pois é um despir daquilo que leva a encobrir inclusive de si, os desejos mais profundos, que não raro esgotam nossas próprias forças em sua morosidade de realização:

A sede retira-nos o alento, esgota-nos, desvitaliza-nos, faz-nos perder as forças. Deixa-nos sitiados e sem energia para reagir. Transporta-nos aos limites. Compreende-se que não seja fácil expormos a nossa sede (Mendonça 2018, p. 38).

Para tal tarefa existencial de contactar com a própria sede, que é também o terreno da mística, Tolentino conta com a ferramenta literária capaz para o exercício espiritual de construção da própria singularidade:

Na averiguação do estado de nossa sede, creio que a literatura nos pode ajudar [...] A literatura é, de facto, uma ferramenta sapiencial. Porventura, estamos agora a perceber melhor que os escritores e os poetas são pertinentes mestres espirituais e que as obras literárias podem ser de enorme utilidade no nosso caminho de maturação interior [...] A literatura é um instrumento de precisão, como existem poucos, pois está a altura da singularidade, liberdade e tragicidade da vida (na verdade, consegue relatar o eu e o nós, o ardentemente pessoal e a aventura coletiva, mas também a graça e o pecado, o encontro e a solidão, a dor e a redenção). A vida espiritual não é pré-fabricada: ela está implicada na radical singularidade de cada sujeito (Mendonça, 2018, p. 49-50).

A inscrição de Tolentino no diálogo com a filosofia política agambiana e a olhar certauesiano para a *porta* em direção à saída da autorreferencialidade da Tradição teológica, em diálogo sobre a concepção de exercícios espirituais do jesuíta francês como o pensamento foucaultiano é pertinente para uma análise literária dos elementos jobianos em seu poema. Se, por um lado, filósofo francês concebe a genealogia ética desde a emergência de uma nova subjetividade que nasce da luta agônica de estabelecer um limite que interrompa o percurso destrutivo da cegueira, sendo o Édipo sofocliano sua principal referência. Por outro lado, Certeau incorpora a tarefa trágica e amplia para o diálogo com a literatura bíblica, sendo exatamente a personagem Job um correlato para o Édipo no jesuíta francês.

Do silêncio que ecoa da vida e da mudez da possibilidade de um Deus, se instala o vazio atordoante do episódio trágico, que aloca o desejo enclausurado no interior da existência fechada pela porta do medo. E aqui é evocada a “experiência de Job” na despojada nudez, que desvela episódicamente a condição total de nudez da existência, e que desnuda igualmente a vontade de verdade e de poder dos amigos. Na medida em que a sabedoria de uma Tradição passa a ser empunhada como arma coercitiva a fim de obter uma suposta confissão do eu-poético, desfigura suas verdades sapienciais a “meras generalidades”, consequentemente inúteis, vãs e que não ajudam a viver (Certeau, 2007, p. 59).

Contudo, o vazio desolador no momento da desconstrução do fugaz não alcança ainda clareza do novo horizonte que anseia, e sua luta ainda é árdua, entrincheirada no campo das esperançosas intuições do desejo face ao exército de argumentos apologeticos de quem está ontologicamente indisposto à auto-crítica. Portanto, o itinerário poético da nudez que habita o vazio não opera uma verborrágica ressignificação dos nomes, mas sim tateia o espaço infinito do vazio, procurando assim dilatar o espaço análogo do vazio que habita a moldura do eu-desejante. Há uma poética do sensível que reside na oração de Job com precedência ao conceitual, presente igualmente em Tolentino. Diz o eu-poético do livro de Job: "Eu [...] tenho que trazer minha alma em minhas mãos" (Jó 13,14). Comenta então, Certeau:

As mãos carregam em si uma inteligência das coisas cotidianas e conhecem a ternura ou o trabalho que carece de nome; eles também têm a capacidade de dizer o que o intelecto ainda não tem ou não tem mais vocabulário. Eles apenas apalham o vazio: no entanto, o que eles designam não é uma ausência, mas uma aspiração ou uma certeza de fé (Certeau, 2006, p. 36).

Desde a noção de exercício espiritual haveria um paradoxo originário da poética tolentiana: o ato poético se dá no reconhecimento de sua fragilidade intrínseca e ao mesmo tempo de seu potencial, pois para Tolentino a tarefa do "poema não alcança aquela pureza que fascina o mundo. O poema abraça aquela impureza que o mundo repudia" (Mendonça, 2014, p. 202). Afinal, os versos, antes de tudo, existem "apenas/ como homenagem (pobre, desolada) / àquilo que cada rosto foi/ um dia através da paisagem" (Mendonça, 2014, p. 112), mas também podem ser portas "que se abrem rangendo/ para coisas que não existem" (Mendonça, 2017, p. 62).

Em um poema intitulado precisamente *Exercícios Espirituais* de Tolentino, pode-se ver uma síntese correlata da atitude jobiana diante da vida:

Devem existir maneiras de ir além
do pequeno fracasso
dar agora meia dúzia de passos
mas de olhos vendados
ver a vida romper-se no governo do vazio
arriscando em vez dos tropeções habituais
a queda infinita (Mendonça, 2017, p. 75)

Nesse sentido, a atitude resiliente de Job reside na força de sua debilidade em crer que se une ao ainda pulsante desejo como um chamado a um ato de fé: precisamente o acto de que o vazio não corresponde ao nada, e ao assim fazer, transfigura o mesmo vazio em silêncio eloquente, que acredita ser a vida ainda capaz de sentido, e portanto, acredita ainda na palavra poética em que emerge a palavra doadora de sentido e que poeticamente reinventa a vida. A poética de Job brota de sua oração, ao mesmo tempo um problema político que em sua insistência de justiça questiona a manipulação dos discursos teológicos para a legitimação da tragédia de outrem. Em sua nudez, sua oração exige que a tradição seja despida dos dispositivos que encarceram seu potencial de sabedoria.

Se a tragédia fora valorizada como dinâmica simbólica do desejo e sua necessidade de estabelecer um limite constitutivo de uma subjetividade que decide eticamente sobre a própria existência, a apropriação da literatura jobiana em chave de doutrina a enclausura em uma pretensão monosêmica de vontade de verdade, que o investimento textual do poema tolentiniano parece tentar resgatar tal sapiência.

Seu movimento de despojamento kenótico das verdades garantidoras de certezas inúteis para a insistência em extrair uma sabedoria ainda pertinente a um outro tempo, aloca no eu-poético de Job um convite à capacidade salutar e soteriológica de habitar a escuridão para ver nela um espaço de escuta no silêncio produzido pelo vazio de nossas habituais respostas. Espaço esse que se configura como ritual poético da existência despida de pretensões desavisadas da igual condição de nudez humana.

No poema *Os dias de Job* há uma lição jobiana em que a oração é uma forma de bater às portas que se abrem para o nada:

Às vezes rezo
Sou um cego
e vejo as palavras
o reunir das sombras
às vezes nada digo
estendo as mãos
como uma concha
puro sinal da alma à porta
queria que batesses
tomasses um por um
os meus refúgios
estes dedos inquietos
na ignorância do fogo
pois que tempo abrigará os anjos
e que dia erguerá todo o sol que há nas dunas
por isso às vezes chove quando rezo
às vezes quase neva sobre o pão

No poema acima, a oração de Job não é movida por uma certeza, mas uma postura de ousadia e ao mesmo tempo confiança na vida. Por vezes a oração, em busca do fogo que ilumina e mobiliza o desejo obtém o contrário do que deseja, na antítese do desejo pelo tempo que abriga o sol e os anjos, acaba por chover quando se reza, ou a neve que ocupa o istmo dos altos montes acaba por cair sob o pão, invalidando a ilusão como alimento de nossos sonhos. Mas não será esta a nossa condição que exige de nós serenidade para nos acolher as nós mesmo?

Conclusão

Os tempos de crise não podem também ser grávidos de criatividade, especialmente ao desmoronar antigas ilusões e ilusórias seguranças, sobretudo se nos despir-nos das formas de certeza autorreferenciais que reduzem a sabedoria à ideologia? Job no que diz respeito ao cruzamento das questões religiosas com

as questões culturais pode ser revisitado, tanto em Certeau quanto em Tolentino, em seu correlato ao Crucificado, em que não há a ressurreição da palavra sem habitar o vazio. É nesse itinerário que Jesus é apresentado como aquele que pode guiar o caminho, mas sobretudo de ajudar “a escutar até o fim o apelo que está por detrás da fome e da sede”. Manter a escuta do apelo da sede é ao mesmo tempo um modo de saída “do delírio da autoafirmação e da autorreferencialidade” que é um tipo de “narcisismo teológico” (Mendonça, 2018, p. 144-145; 117). O caminho de Jesus é de compartilhar as sedes, e sua “bem-aventurança da sede” reside em transformar o sedento em peregrino e a sede em mapa e viagem como itinerário soteriológico de nosso ceticismo protecionista (Mendonça 2018, p. 164).

O trágico desvela que tudo o que o desejo tem é o nada, e nada é tudo o que é preciso para mover o desejo. A postura jobiana de enxergar no nada o Vazio, convida a ousarmos a habitar o desconforto de tempos de incerteza na certeza de que poeticamente habitamos o vazio do mundo, e poeticamente, portanto, ousamos amar, sofrer, saber... na insistência ética como fonte de inspiração para a criatividade existencial, cultural, social política e assim sendo, fonte de resistência de uma cultura do descarte em nossos tempos. Me pergunto se não deveria ser a universidade uma escola de oração? Uma oração jobiana, a um só tempo atea e reverente de nos ensinar habitar as escuridões de nosso tempo na insistência poética de acreditar na fragilidade perene da vida.

Referências bibliográficas

- Agamben, G. (1970). *O homem sem conteúdo* (Trad. Claudio Oliveira, 2.^a ed.). São Paulo: Autêntica, 2012. (Edição eletrônica).
- Agamben, G. (1977). *Estâncias: A Palavra e o Fantasma na Cultura Ocidental* (Trad. Selvino José Assmann). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Agamben, G. (2010). *Homo Sacer – O poder soberano e a vida nua I*. (Trad.: Henrique Burigo. 2.^a ed). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Agamben, G. (2014). *Nudez* (Trad. Davi Pessoa). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Bíblia Sacra (1993). *Utriusque Testamenti* – Editio Hebraica et Graeca. Deutsche Bibelgesellschaft: Stuttgart.
- Candiotto, C. (2020). *A dignidade da luta política: incursões pela filosofia de Michel Foucault*. Caxias do Sul: EDUCS.
- Certeau, M. (1991). *L'Étranger ou l'union dans la difference* (Nouvelle édition établie et présentée par Luce Giard). Paris: Desclée de Brouwer.
- Certeau, M. (2007). *El lugar del otro: História religiosa y mística* (Trad. de Victor Goldstein). Buenos Aires: Katz Editores.
- Certeau, M. (1986). *Heterologies: Discourse on the Other*. Theory and History of Literature, Volume 17. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Foucault, M. (2006). *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2018). *O enigma da revolta. Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana*. São Paulo: n-1 edições.
- Frankl, V. (2005). *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo No Campo de Concentração* (21.^a ed.). São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes. (Coleção Logoterapia).
- Gregorii, M. (1979). *Moralia in Job – Libri I-X*. Corpus Christianorum – Series Latina CXLIII. Turnhout: Brepols.
- Jameson, F. (2021). *Arqueologias do Futuro: O desejo chamado Utopia e outras ficções científicas* (Trad.: Carlos Pissardo). Belo Horizonte: Editora Autentica.
- Lowth, R. (1995). *Lectures on the sacred poetry of the Hebrews*. Routledge: Thoemmes Press.

- Mendonça, J. T. (2021). *The Mysticism of the Present Moment: Embodied Spirituality*. New York: Paulist Press.
- Mendonça, J. T. (2014). *A noite abre meus olhos* (4ª ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Mendonça, J. T. (2020). Creio na nudez da minha vida – onde a mística e a literatura se encontram. In M. C. Bingemer, & A. Villas Boas (orgs.), *Teopoética: mística e poesia* (pp. 21-34). Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. PUC-Rio/Paulinas.
- Mendonça, J. T. (2018). *Elogio da Sede*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Mendonça, J. T. (2017). *Teoria da fronteira*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Mendonça, J. T. (2011). The reactivation of Paul: A critical dialogue on Giorgio Agamben. *Didaskalia*. 41(2), 53-63. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2011.2305>
- Negri, A. (2002). *The Labor of Job: The Biblical Text as a Parable of Human Labor* (Series New Slant – Religion, Politics and Ontology). Durham: Duke University Press.
- Petit, J. F. (2020). *Michel Foucault et Michel de Certeau: Le dialogue inachevé*. Paris: Parole et Silence.

Resumo

Este artigo examina como o poema "Os Dias de Job", de José Tolentino Mendonça, reflete um exercício espiritual kenótico explorado em diferentes ângulos, nomeadamente desde teologia, literatura e filosofia, para abordar a vulnerabilidade humana e a dignidade. Nesse sentido, o texto explora as dimensões poéticas e políticas da espiritualidade, desde a interseção entre os referenciais teóricos de Michel Foucault, Michel de Certeau e Giorgio Agamben. Na poética de Tolentino, Job é interpretado como uma figura emblemática que transcende sua dimensão bíblica, revelando-se uma metáfora para a resiliência criativa e a luta ética em tempos de crise. A poesia é apresentada como um caminho anagógico para redescobrir a beleza indelével da vida, mesmo nas circunstâncias mais adversas, promovendo uma espiritualidade que resiste à lógica do descarte e reinventa formas de habitar o mundo.

Abstract

This article examines how José Tolentino Mendonça's poem 'The Days of Job' reflects a kenotic spiritual exercise, explored from different angles, namely theology, literature and philosophy, to address human vulnerability and dignity. In this sense, the text explores the poetic and political dimensions of spirituality from the intersection between the theoretical references of Michel Foucault, Michel de Certeau and Giorgio Agamben. In Tolentino's poetics, Job is interpreted as an emblematic figure who transcends his biblical dimension and emerges as a metaphor for creative resilience and ethical struggle in times of crisis. Poetry is presented as an anagogic way of rediscovering the indelible beauty of life even in the most adverse circumstances, promoting a spirituality that resists the logic of discard and reinvents ways of inhabiting the world.